

Michaux, *Le Jardin exalté**

Vera Casa Nova**

RESUMO: Esse ensaio resulta de uma leitura do texto de H. Michaux, focalizando a relação entre as artes na escritura desse autor.

Lire est accéder à l'intelligibilité du texte
Derrida

Entro no texto de Michaux como quem inicia uma viagem. Poeta viajante, explorador, que percorre caminhos imaginários, à procura do primordial, nesse deslocamento infinito do pronome “eu”, Michaux mostra como o processo escritural é movimento intenso que move seu corpo como uma máquina mágica produtora de sentidos.

Estranho nômade, lírico dionisíaco, solitário desconcertante, esse poeta traça em seu texto uma sucessão de imagens que constrói uma ecografia de percepções e impressões de seu corpo e seus eventos.

É o que lhe aparece, o que experimenta, o que o diferencia. A experiência, o efeito, as transformações do tempo, do espaço, do corpo. Em todos os lugares, a possibilidade de uma viagem imaginária, como

*Recebido para publicação em novembro de 1999.

**Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFMG.

a do “eu”, sua ficção maior, seu pronome viajante, à procura da incompletude, do movimento, sua única liberdade.

Le Jardin exalté (1983)¹ se inscreve entre o empirismo e a subjetividade. Um corpo que experimenta o êxtase e coloca o leitor diante do inusitado, do estranho.

Que jardim é esse exaltado, louvado, celebrado?

Um narrador explorador que tem percepções oculares de um rosto que se desdobra e experimenta apertos no coração. Angústia. “Pour ma part, je commence mal: des serremments de coeur. Décidément devenu impropre à ces expériences.” (p.8)

A viagem do corpo é o início do movimento nessa experiência alucinante/alucinatoria. A dispersão do eu que se desloca e experimenta rostos através de olhares da máquina humana, produtora de fantasmas interiores. Michaux, o ocidental, descreve; Michaux, o oriental, dá a ver as impressões da experiência do êxtase.

- Uma pessoa:

- “la personne avait préparé quelques disques au dernier moment elle montra de l’appréhension”(p.8)

- “sur elle, l’effet est bon”... (p.8)

- “intéressée, elle prend part”... (p.8)

- “lit-elle dans ma pensée”... (p.9)

- Um rosto:

- “cependant, l’ébranlement de son visage continue, progressivement” (p.11)

- As dobras:

- “plis dans un tableau ou au mur” (p.8)

¹MICHAUX, Henri. *Le Jardin exalté*. Montpellier: Fata Morgana, 1983.

- “lit-elle dans ma pensée, comme elle dira bientôt, ou moi sans rien dire dans la sienne?” (p.9)
- “étonnante famille de visages, qu’elle portait sans le savoir”... (p.17)

As imagens se sucedem em intervalos, que a página entre os parágrafos vai deixando marcada. A escritura vive sem limite. A narrativa ou o poema em prosa (?) é uma *imagerie*, uma sucessão de imagens em *rêverie*, como fotogramas de um curta-metragem ou quadros de um pintor surrealista, onde as disjunções se multiplicam, sob formas que envolvem pontos, linhas, traços. Pintura e Música.

Pour des physionomies différentes, elle dispose, je vois, d’une bonne douzaine, sinon d’une vingtaine de figures incidentes, ou dois-je dire de coeurs, ou d’humeurs (p.13)

As impressões mostram ao narrador a relação entre ele e seu corpo. O fora e o dentro nessa atmosfera onírica são projetados pelos movimentos do ser e seus desdobramentos. “Étrange révélation, dont je ne ferai sans doute jamais rien, dont elle non plus ne cherche à rien tirer”... (p.13)

O corpo sofre. Tensão. Não há paz, não há calma. Só a procura. Música do corpo: cravo mal temperado (≠ “cravo bem temperado”). O movimento dos sentidos: da visão das coisas à audição da música.

A música Força interior e exterior. Pulsação.

comme l’eau avance dans le lit d’un fleuve, pareillement la musique avançait dans le lit de mon être, entretenant, entraînant ampleur, et aspiration à l’ampleur (p.17)

O imaginário da música “cuja função é acalmar, é constituir o sujeito que o escuta” (BARTHES, 1984: 217) constitui-se em uma força que o introduz em outro estado, que o leva a outra dimensão.

O desejo da plenitude em verdadeira convulsão lírica torna-se delírio. A música: “force intérieure de l’Inde” (p.16) é a mediadora entre o poeta e o jardim. É ela que tem a capacidade de retirar do poeta seu mal, ou seja, fazê-lo começar do zero.

Música karnática², música clássica da Índia do Sul cuja complexa multiplicidade escalar é baseada na riqueza de nuances.

Un autre disque, de musique karnatique lui succéda... musique telle qu'on n'en avait jamais de la vie entendu d'aussi près. (p.16)

(...) mon mal avait disparu et l'appréhension c'était oublié (p.17)

É o êxtase “une mer plus vaste”, o movimento maior. Seu corpo se une a esse movimento trazido pela música. O corpo e a música, nessa mistura de ondas e vibrações em propagação ondulatória para o cosmos. O ouvido, a escuta para a captação, para os sentidos.

Somente impulsos e logo após repouso; fluxo e refluxo das ondas sonoras. A música é a pulsação ouvida e semiotizada segundo os pulsos corporais, somáticos, psíquicos. Tal qual um indiano que usa o batimento do coração ou o piscar do olho como referência, como “duração” de presença, o narrador “viaja” nessa relação cósmica.

J. M. Wisnik³ chama a atenção sobre os sistemas musicais que viajaram fundo no paisagismo, na multiplicação de territórios. A relação delirante construída nesse texto de Michaux trata dessa multiplicação de territórios. A recorrência cósmica que a música karnática procura captar é a mesma do desejo do corpo. Com a afinação corporal e espiritual micro e macrocosmo interagem. Na Índia, a realidade do universo é a música. E é através desse poder radical que outras dimensões se estabelecem.

Et le jardin fut présent, tout autrement présent. Depuis le début une profondeur subtile avait gagné son extrémité. Il s'agissait à présent d'une tout autre chose, et même d'un tout autre jardin. (p.18)

Corpo e música se unem, interagindo. Na paisagem desse jardim a natureza torna-se extática. Verdadeira mandala temporal, ritu-

²Gênero de música indiana.

³WISNIK, J. M. *O som e o sentido*, p.17.

al dos fluxos, a música (modal) faz o narrador exaltar a natureza, seu transe, seu êxtase.

O jardim...

Símbolo do Paraíso Terrestre, do Cosmos, "...le jardin quelconque se trouva alors d'emblée mué, devenu jardin paradisiaque..." (p.20). É o espaço alucinatório, a descoberta do despojamento pelo espaço e do próprio espaço. Deslocamento de territórios. Representação dos estados espirituais que correspondem às vivências paradisíacas.

Jardim dos jardins, "un vrai jardin de paradis" (p.20), mas "l'inéspéré paradis" sem nenhum sentido bíblico, com suas serpentes ou maçãs, ou um deus punidor.

No texto *L'Infini turbulent*⁴, Michaux define o transe extático provocado pelo peiote e a mescalina:

Qu'est-ce que l'extase? C'est dans l'âme une unité exceptionnelle au point de paraître miraculeuse, où, sans la plus petite, la plus infime exception, tout va dans le même sens. (p.92)

Estado semelhante ao que descreve a partir da música e do jardim. O êxtase não é para o repouso, mas para a observação; é a experimentação que leva ao conhecimento, através do transporte. A perplexidade daquele momento doloroso é fonte de lições que toda sua obra apresenta. A experimentação dos sentidos do vazio, da ausência, onde, afinal, tudo existe é a grande fonte, produtora de sentidos no texto de Michaux.

Experimentação das linguagens; desafinação da palavra, do signo. Outra afinação em nuances microtonais como na música modal. Música indiana/escritura de Michaux.

A escritura de Michaux segue os modos, a utopia de um descentramento metafórico. O jardim, centro do Paraíso do qual é a

⁴MICHAUX, H. *L'Infini turbulent*. Paris: Gallimard, 1997.

figura dos estados paradisíacos, é construído a partir de uma outra gênese. Jardim — mundo em miniatura. Como um oriental, Michaux caminha nesse jardim em busca da felicidade, que também não tem aí um conceito ocidental:

une brise s'était élevée, réveillant les rameaux endormis et les feuilles languissantes à l'ampleur souveraine, exprimant félicité, félicité au plus haut degré, et désir, désir de plus de félicité, félicités de toutes sortes offertes... (p.22)

Esse mundo imaginário não é facilmente identificável. A natureza se erotiza, a felicidade é um gozo infinito. Tudo isso decorre da música e desse jardim, verdadeira tela em que Michaux mistura os tons e os sons de sua própria linguagem. “Le monde exalté de l’Orient était là un et total, exprimant le summum d’extase au nom de tous, de tous sur terre” (p.22)

O *um*, o uno, o todo extático. Se a música, como afirma R. Barthes é um “campo de significância”, no texto de Michaux, a música do texto (e não a musicalidade) tem como referente o corpo, no primeiro momento, e depois o jardim.

Corpo (fora e dentro) e música (fora e dentro) num mesmo sistema — o modal. O aparelho modal como tela, como língua, destinada a articular o corpo, fazendo com que o sujeito delire e/ou se extasie.

Se o corpo se liga à escritura pelo olho, é pela escuta, pelo ouvido que a escritura é deslocada. No deslocamento dos pronomes que realiza do “eu” para o “ele” (lui) e vice-versa, Michaux processa uma série de disjunções. Mostra os objetos visíveis, dizíveis numa rede mágica, em que a natureza é ativada em sua apreensão intuitiva.

Topologicamente o fora envolve o dentro, e em duplo movimento, o dentro envolve o fora. Michaux parece realizar aquilo que Deleuze chamou de “a dobra do Ser”, a inflexão. Há um operador topológico que serve de ligação entre as linguagens: o limite.

O fora seria o espaço das forças que envolve um dentro. Dentro e fora são construídos a partir do narrador.

Agenouillements, supplications, enlacements, désenlacements, arrachages, plongées en avant, retraits, reculs... en chaque rameau [...] on eût dit que chaque fragment, devenu un tout, voulait rendre enfin sans retenue comme sans épuisement... et en hauteur. (p.24)

Ou ainda:

exaspération sans personne, où toutes les parties, branches, feuilles et rameaux étaient des personnes et plus que des personnes, plus profondément remuées, plus bouleversées, bouleversantes. (p.25)

Todo e parte(s) em ramificações que se estendem através de sua multiplicidade fazem parte desse universo — a natureza, com sua dança, verdadeiro balé que participa da “beauté des palpitations au jardin des transformations” (p.26).

Nessa fractalidade que a natureza mostra — “l’infini chiffonnage -déchiffonnage trouvait sa rencontre” (p.27), o corpo do narrador também amarrotado pelo sofrimento dessa “viagem” se une, se encontra com a natureza.

Pulsção, desejo infinito, exasperação, transgressão — o jardim do deleite.

Entre Terre et Cieux — félicité dépassée — une sauvagerie inconnue renvoyait à une délectation par-dessus toute délectation, à la transgression au plus haut comme au plus intérieur, là, où l’indicible reste secret, sacré. (p.27)

O ritmo do corpo, do coração

tel le martèlement d’un coeur (...) un coeur végétal (on eût dit planétaire), coeur participant à tout, retrouvé, enfin, perçu, audible aux possédés de l’émotion souveraine, celle qui tout accompagne, qui emporte l’Univers. (p.28)

Experiência limite em que a escritura é mais do que nunca uma aventura semiológica, esse texto de H. Michaux mostra, entre outros, o processo de criação desse autor. Processo que assume o jogo do concreto e do abstrato dos signos. Pictural e musical, a escritura enigmática de Michaux conjuga o visível e o legível, fazendo do seu

texto também um texto-limite, onde as fronteiras se dissipam e as artes se roçam, na procura de uma outra linguagem, desejan- te de fluidez e movimento.

RESUMÉ: Cet essai est le résultat d'une lecture qui montre les relations entre les arts dans l'écriture d'Henri Michaux.

Bibliografia

MICHAUX, H. *Le Jardin exalté*. Montpellier: Fata Morgana, 1983.

_____. *L'Infini turbulent*. Paris: Gallimard, 1997.

BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WISNIK, J. M. *O som e o sentido*. Uma outra história das músicas. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.